



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 23 de Junho de 2007 • Ano LXIV • N.º 1651 Preço: € 0,33 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Família

TENTAMOS exteriorizar algumas ideias sobre o conceito de família que tipifica a Casa do Gaiato, em jeito de «editorial». Escusado! Tanto já se disse e se tem escrito. A caneta não quer e é o coração que vence e dita.

Ontem celebrámos, em Vila Verde, junto à cidade da Figueira da Foz, os cinquenta anos de vida do nosso Zé Domingos, que foi da Casa do Gaiato de Mirando do Corvo até concluir o seu curso de professor e ali ter celebrado também o seu casamento.

Era um encontro agendado já há tempo. Queria reunir os seus filhos e amigos mais próximos.

Assim, às 11h00 lá nos juntámos na Igreja Paroquial para a Celebração da Eucaristia, pediu-me que, no «Santo Sacrifício», não esquecesse Padre Horácio e Dona Maria da Luz, dons de paternidade-maternidade, que o Senhor colocara, em tempo útil no seu caminho de filho a crescer... Disse-lhe também, como recorda a Comunhão dos Santos, que não esqueceria os pais da sua vida natural que em hora de aflição e de dor o haviam confiado à Casa do Gaiato.

As «viúvas» de Sarepta e de Naim, como referia a Liturgia da Palavra daquele Domingo, constituíram o mote da nossa reflexão no momento próprio.

A compaixão do profeta, homem de Deus e a compaixão de Jesus — o Próprio Deus que visita o Seu Povo, diante da morte dos filhos de ambas, enquanto situação limite, foi focalizada na perspectiva da Obra da Rua, como tradução viva daquela capacidade de acolhimento e de compaixão que tornaram Pai Américo numa figura emblemática da vivência do Evangelho, na linha da Caridade.

Ao Ofertório, um cesto primorosamente decorado com 50 botões de rosa, a emergirem lá de dentro, foi trazido ao altar pelos dois filhos, o Bruno e o Diogo. Foi uma surpresa com que o pai não contava, a avaliar pela reacção...

Pedi-lhes, então, que por palavras próprias explicassem o que era entendível — já se vê! «Que a ideia fora também da mãe!» Nada mais natural — oh, sublime cumplicidade! Que subisse também — sugerir. Tornava-se assim mais visível este quadro de comunhão intensa do qual a Eucaristia é celebração eloquente.

Há pouco tempo, um dos nossos bispos, numa conferência sobre a Eucaristia, afirmou que a Eucaristia pode perder sentido se não houver comunhão em comunidade... Naquela hora, percebemos devotamente o acerto lúcido desta afirmação.

Com o pão e o vinho não quisemos deixar também de oferecer aquele cesto de flores, símbolo de uma vida, a que Cristo, «Flor Inefável de Deus», nascido de Maria, dá sentido e perfuma com o suave odor do Seu amor.

O convívio que se seguiu, íntimo e familiar, deu sequência ao espírito da celebração que brotou como água pura da nascente.

Pela tarde dentro, em casa de outro nosso seguiram-se duas horas de escuta de desabafos, alguns já repetidos em outras vezes, em

Continua na página 3

Moçambique

Dia Internacional da Criança

O Dia internacional da Criança foi vivido em cheio nesta Casa. Os Rapazes, com os alunos externos já tinham ornamentado, com a orientação dos professores, todos os quatro edifícios da Escola. Pequenos no seu lugar, na Escola; e os maiores, nos outros. Ao todo cerca de quinhentos. Cantos, jogos, danças tudo quanto lhes agrada num dia assim. De tarde, após o almoço sem virem ao refeitório, chegaram os da secundária e continuaram os folguedos. Vieram alguns cantores conhecidos que o Stuart, nosso Amigo, motivou para tocarem para eles a música africana que os fez vibrar até faltar. Trouxeram brinquedos, guloseimas que ainda sobraram, e roupa em grandes pacotes. O jantar foi frugal, pois estavam todos cansados.

Para mim estava, porém, reservada a melhor parte. Com três meninas pequenas do Lar dos Órfãos de Sida e três dos nossos mais pequenos, fomos convidados para a inauguração das instalações da Alta Autoridade Tributária de Moçambique. Chegámos na hora em que os pintores davam os últimos retoques. Os escritórios mobiliados, belas pinturas de autores moçambicanos nas paredes, onde preside sempre o retrato grande do nosso Presidente, como não podia deixar de ser, em lugar tão nobre.

Fomos introduzidos na sala de reuniões. Quando chegou a Alta Autoridade com seus adjuntos, os rapazes saudaram-nos, com uma primeira canção, escolhida pelo

protocolo, dentre as que sabiam: «Três palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus é Amor, lá ralalá, lalá». Valeu por uma Bênção em

Continua na página 3

Benguela

O fogo do amor

SÃO histórias que queimam o coração. O fogo do amor é gerador de vida e semeia a esperança e a confiança nos corações abatidos pelo abandono. Os filhos de «pais desconhecidos», como vulgarmente são chamados, abundam cada vez mais.

Há dias, precisei de rever as cédulas e os bilhetes de identidade, por causa de obter documentos necessários para alguns dos meus Rapazes. Muitos deles tinham um traço nas linhas onde deviam estar os nomes do pai e da mãe. Os mesmos Rapazes estavam junto de mim. Comungaram da dor que senti. Um deles, de temperamento mais exaltado e sofrido, desabafou espontaneamente: «Fui rejeitado pela minha família». Vi-o, pouco tempo depois, à minha volta, com os olhos bem fixos nos meus olhos e as mãos agarradas às minhas mãos. Entendi o significado dos seus gestos e assumi interiormente a resposta à sua provocação.

É tremendamente exigente a vocação dum padre da rua. Os filhos que nunca experimentaram o olhar carinhoso dum pai, nem a segurança que a sua presença lhes dá, sentem a necessidade de alguém que o substitua. E que dizer da mãe? Perderam a mãe, mas não perdem nunca o gosto de ter mãe. É uma presença que ninguém pode dispensar. É por isso que a vocação de ser mãe para estes filhos é um autêntico dom que passa pela natureza e chega ao sobrenatural. Não é fruto só da carne e do sangue, mas do coração queimado pelo fogo do Amor.

Continua na página 3

10 de Junho

O CORRE hoje o dia quinzenal de escrever para O GAIATO.

A este dia têm dado muitos nomes, mas são frágeis as realidades que lhes seriam subjacentes. Frágeis... não elas próprias, mas pelo deficit de alma com que as assumem e celebram. Falta de convicção e timidez relativamente às referências do passado. As do presente, revestem-nas de ruído e exterioridade a mascarar o vazio. E só com palavras não se projecta, menos se alicerça o futuro.

Há duas quinzenas que adiamos uma «queixa». Dá-lhe oportunidade um rapaz criado na nossa Casa de Malanje, hoje com 23 anos e afectado por doença grave, ali sem recurso. Padre Telmo pediu ajuda, vão lá mais de dois meses. Fornecemos ao Consulado de Portugal, em Luanda, termo de responsabilidade e mais documentação pedida, até a convocação do doente à consulta hospitalar marcada — e o visto sem sair. Nada mais se pedia. O rapaz tinha cá casa, a Família a que ele pertence e

o acolhimento nos Serviços de Saúde a que, felizmente, os gaiatos sempre tiveram acesso. Pois qual não foi a nossa surpresa quando, há dias, soubemos que o Orlando já estava em Lisboa, trazido pelos Serviços de Saúde de Angola e, numa pensão, esperava chamada à consulta e sequente internamento hospitalar. Por telefonema, explicámos à Responsável destes Serviços, na Embaixada de Angola, tudo o que já estava preparado para receber o rapaz no Porto e ouvimos que ela nada podia fazer sem permissão vinda de Luanda. E, agora, quando se desbloquearão as burocracias vindas de dois Serviços de costas voltadas?... Tempo perdido, despesas escusadas, um sofrimento prolongado — mais um pequeno sinal a indiciar outro maior: um certo «enlouquecimento» generalizado que complica coisas, afinal, mais simples e torna menos fácil e saudável a vida neste mundo, fenómeno que não vem só do «buraco de ozono».

Mas o que mais dói — e retorno à oportunidade do 10 de Junho — é a ausência de pronta cooperação de Serviços portugueses em casos como este, urgente por natureza e de solução achada sem agra-

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

A POBREZA TEM DE SER VENCIDA! — «Teve lugar nos passados dias 25 e 26 de Maio, em Lisboa, uma Conferência da responsabilidade da Comissão Nacional de Justiça e Paz, tendo por tema Por um desenvolvimento global e solidário — um compromisso de cidadania.

Num documento como este, torna-se impossível dar conta dos múltiplos temas ali abordados e da importância que eles revestem para nós, quer como simples cidadãos, quer como cristãos. Alguns números, porém, talvez nos façam sair, um pouco, desta letargia em que nos encontramos perante o que actualmente se está a passar em algumas zonas do globo. Assim:

— mais de cinquenta mil crianças morrem por dia, vítimas da fome, de doenças evitáveis, de falta de higiene e de cuidados básicos de saúde, incluindo a vacinação;

— 2,8 mil milhões de pessoas vivem com menos de 1 dólar por dia;

— mil milhões de pessoas habitam bairros miseráveis urbanos;

— a esperança de vida na África subsariana situa-se nos 46 anos (a dos países da OCDE é de 78 anos).

Por outro lado, a diferença entre os países ricos e os países pobres está a acentuar-se. Assim, os países ricos, a que corresponde 20% da população mundial, cresceram 2,2% ao ano nos últimos 23 anos; nesse mesmo período de tempo, os países pobres, com os restantes 80% da população, caíram 0,3% ao ano (0,5% no que se refere aos países subafricanos). Além disso, para manter um estilo médio de vida americana precisaríamos de seis planetas Terra para o sustentar.

(...) Já João Paulo II, na carta apostólica Novo Millennio Ineunte, em 2001, dizia: «Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde abrigar-se? (...) E como ficar indiferente diante das perspectivas dum desequilíbrio ecológico, que torna inabitáveis e hostis ao homem vastas áreas do planeta? (...) Ou frente ao vilipêndio dos direitos humanos fundamentais de tantas pessoas, especialmente das crianças?»

Ora, estas pessoas que vivem esta pobreza são como que excluídas da humanidade; foi-lhes retirada a dignidade e esta é inerente à família humana. Do que se está a tratar é, simplesmente, de violação grosseira da Declaração dos Direitos Humanos que, no seu artigo 1.º, diz «Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade».

A pobreza não pode ser evitada pela caridade. Aquela põe em questão os fundamentos da justiça. Ora este tipo de injustiça desumaniza. É preciso que se tome consciência dela para que seja combatida. Se, como afirmou na Conferência Piere Sané, Subdirector Geral da UNESCO, o apartheid e a escravatura foram abolidos, também a pobreza, esta pobreza que retira a dignidade humana às pessoas, terá de o ser.

A sua abolição é uma prioridade e talvez implique uma nova ordem inter-

nacional. Talvez acarrete o estabelecimento de outras prioridades por parte dos governos dos Estados. Mas, principalmente, a sua abolição supõe um maior espírito de fraternidade quer por parte dos Governos, quer por parte dos cidadãos.

E que dizer da pobreza em Portugal? Ela não atinge as formas de extrema severidade como a que existe nos países subafricanos. No entanto, cerca de 20% de pessoas (2 milhões) detinham, em 2005, segundo um estudo de Maria Eduarda Ribeiro, da Comissão Nacional de Justiça e Paz, um rendimento disponível familiar equivalente, depois das transferências sociais, abaixo dos 60% da mediana nacional. Esta taxa de risco de pobreza era apenas ultrapassada pela Polónia e pela Lituânia. Por outro lado, o estudo atrás referido indica que a elevada taxa de pobreza registada em Portugal está associada a uma acentuada desigualdade que se agravou nos últimos anos, isto é, o crescimento económico vem sendo apropriado por uma minoria e não tem servido para erradicar a pobreza, incluindo as suas manifestações extremas.

Como explicar, então, que o crescimento económico a que o País assistiu ao longo dos últimos 20 anos não tenha servido para melhorar as condições de vida dos cerca de dois milhões de pessoas cujos rendimentos ficam abaixo do limiar da pobreza?

Como explicar o funcionamento da nossa economia e da organização da sociedade portuguesa quando não se foi capaz de corrigir os mecanismos que conduziram à exclusão de 20% da nossa população?

E em que medida os cristãos fizeram da Doutrina Social da Igreja o instrumento para as suas decisões, tomadas de posição e comportamento na comunidade, de modo a colaborar na construção de um País menos pobre e com maior justiça social?»

Da Comissão Justiça e Paz

PARTILHA — Lourdes, de Cacém: «Junto envio mais uns poquinhos para os mais pequeninos — trinta euros — é muito pouco para tanta necessidade que por aí há. A vida cada vez está mais difícil para os portugueses, cada vez há mais Pobres e desempregados. Continuo sempre a pedir muita saúde para que continuem com a vossa grande Obra».

E mais mil euros de dois ou três Amigos.

A verdade é, agora mesmo: aparece uma mulher a pedir que aceitemos o que poder ser para a ajudarmos: «Eu dou umas horas, mas não chega a nada».

Os Pobres são muito gratos.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA — A celebração do Dia Mundial da Criança, na nossa Casa, realizou-se no sábado. Tivemos a visita de crianças de toda a parte, incluindo as crianças de Amarante.

Em nossa Casa realizaram-se várias actividades de onde destacamos o Slide e o Rapel. Todas as actividades foram organizadas pelo nosso Projecto

«Gaiato Escolhe», cujo coordenador é o Carlos Silva, filho dum antigo gaiato.

Foi um dia maravilhoso e inesquecível para os rapazes da nossa Casa e para os visitantes.

VISITAS — Estamos a chegar às férias e há cada vez mais visitantes vindos de toda a parte de Portugal. Apreciam a beleza da nossa Aldeia. O próximo podes ser tu, não tenhas receio de vir a nossa Casa. Serão bem aceites!

Carlos («Vimioso»)

DESPORTO — Como sempre acontece aos fins-de-semana, há futebol. Desta vez, fomos até muito perto de Viana do Castelo. Mais concretamente, jogar com os Juniores do Antas F.C. da A.F. Braga, em jogo da segunda mão. Durante a viagem, os Rapazes cantavam com entusiasmo: «Viva o Gaiato! Olé, Olé! É o Maior!» É assim o ambiente no seio do nosso Grupo Desportivo. Ninguém consegue «roubar» a alegria a estes rapazes. Só é pena, que mais alguns não se juntem a nós. Fazia-lhes tão bem!... E o mais engraçado, é que há lugar e material desportivo para todos. Não falta nada. O Desporto é uma ocupação saudável! Quando não utilizado em programas... escolhidos para atingir outros fins, que não os desportivos. Tentando iludir, confundir e alterar... a normalidade da Casa. Estou a lembrar-me, por exemplo, das «psicologomanias» que por cá passaram!

Em relação ao jogo, francamente! Não tem história. Um jogo fácil, se bem que, por vezes, menos bem conseguido por causa do vento. Estávamos muito perto da praia e do Rio Neiva. Mas mesmo assim, ainda conseguimos ganhar com golos de «Bolinhas» (2), Serafim (1), Erickson (1) e Abílio (1), contra um do «adversário», cujo seu autor foi mais o «ahorrecido vento» do que propriamente o nosso opositor.

Uma semana depois, recebemos o Barcelona F. C. de Felgueiras. Uma tarde de sol e tudo bem disposto. Um jogo onde «Bolinhas», «Russo» e «Bonga» conseguiram desperdiçar golos feitos. Nem sempre corre como a gente quer, eu sei! No entanto, conseguimos ganhar com golos de «Bolinhas» que, de livre, descobriu o «buraco da agulha» e fez o primeiro; depois, Gil fez o segundo, um excelente golo; Abílio, não quis ficar atrás e fez o terceiro; por último, «Russo», depois de não ter feito um bom jogo em termos colectivos, voltou a marcar outro golo, daqueles de se lhe tirar o chapéu. O «adversário» ficou em branco, muito, porque Teixeira em dia sim, como sempre está, teve que por duas ou três vezes de se aplicar a fundo, para evitar que as redes à sua guarda, fossem violadas. Um jogo em que outros, para além do guarda-redes, também primaram, não só pelos golos que marcaram, mas, e sobretudo, pelo que jogaram para a equipa.

Pois é! Este jogo foi no sábado de tarde e no domingo de manhã, os mais novos, também entraram em campo para defrontarem o F. C. Canelas (Penafiel).

Pai Américo dizia: «Um dos quadros mais interessantes da nossa Aldeia, é o cicerone aos domingos. (...) O cicerone comparece imediatamente à chegada do carro, excepto em horas de futebol estando este afeiteado. Sendo assim, já não é tão pronta a sua presença. É necessário

chamar e chamar e chamar... a nossa ordem!». Acontecia naquele tempo e acontece hoje. Chovia se Deus a dava, mas ninguém arredou pé do campo. O nosso Padre João tinha marcado uma reunião de chefes, mas todos se esqueceram dela, entusiasmados com o «show» de bola que os mais novos estavam a dar dentro das quatro linhas e debaixo de chuva. Estão imparáveis! Só à conta do Francisco, da casa-Mãe, foram dois dos sete que eles obtiveram, contra um do «adversário». É assim a nossa «desorganização»...! Mas é com ela, que conseguimos ser mais organizados do que muitos que dizem ser exemplares nesse sentido. Não há como a prata da Casa! Por amor à camisola e não aos euros.

Alberto («Resende»)

Setúbal

RAPAZ NOVO — Há alguns dias veio para cá um rapaz novo chamado Gonçalo. Tem 12 anos e gosta de jogar futebol. É divertido e muito engraçado. Esperemos que goste de cá ficar e se consiga adaptar à nossa vida.

ESCOLA — As aulas já acabaram. As notas de alguns rapazes foram boas, outras nem tanto. Os rapazes do 9.º ano acabaram a escola mais cedo pois tinham que estudar para os exames. Deus queira que para o ano tenhamos mais sucesso nas nossas notas.

CAMPO — Um homem veio cá cortar a cevada e fazer fardos de palha. Depois disto o «Miguelito» e o Amândio e alguns rapazes foram, com o tractor, buscar os fardos ao campo, para em seguida os arrumarem no palheiro. Foram cerca de 750 fardos de palha.

OBRAS — Alguns senhores andaram a pôr painéis solares no telhado da nossa Casa, para aquecer a água para os banhos. Antes utilizávamos os esquentadores a gás. Agora vamos passar a usar a energia solar que é menos poluente e mais barata.

DESPORTO — Os rapazes que praticam desporto no nosso pavilhão, por vezes ficam com muita sede. Para não levarem garrafas com água e copos, montou-se um bebedouro ao pé do pavilhão. O «Paizinho» foi quem teve o trabalho de montar os tubos para levar a água até ao bebedouro.

Daniilo Gomes

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — Continuamos a arrancar as ervas daninhas (junça e saramagos) das cenouras, das nabças, do cebolo, do feijão e das alfaces.

Continuamos também ocupados a «jardinar» ou seja, andamos a arranjar os nossos jardins (arrancar as ervas daninhas, cortar a relva, etc...)

Como tem estado muito calor, temos também de regar as nossas terras de cultivo.

ANIMAIS — As obras do curral das ovelhas estão em fase de conclusão.

Vedou-se um terreno em redor do curral e abriu-se uma porta com acesso a esse terreno. Agora as ovelhas podem andar a pastar à vontade, sem danificar a horta ou outra cultura qualquer.

DESPORTO — No dia 03 de Junho de 2007, um grupo de amigos de Semide e outros daqui, da localidade dos Bujos, vieram disputar um jogo de futebol connosco. A nossa equipa ganhou o jogo. Aqui não interessa o resultado, pois o objectivo foi apenas a diversão e o convívio; no entanto, e apesar de ter sido um jogo amigável, foi disputado com muita garra por ambas as equipas.

No dia 07 de Junho (Corpo de Deus), realizámos um jogo de futebol entre os Rapazes de Miranda e os Rapazes que estudam no Lar de Coimbra. Os Rapazes do Lar ganharam por 5-3. O mais importante nestes jogos é ir mantendo algum ritmo de competição, para que a qualquer momento possamos participar nalgum torneio ou competição.

Gostávamos que mais grupos desportivos, ou de amigos, nos visitassem para realizarmos jogos de futebol.

Voltamos a lembrar que se algum clube, colectividade ou empresa tiver a disponibilidade de nos oferecer algum equipamento e bolas de futebol, ficaríamos muito agradecidos.

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA — No dia 01 de Junho de 2007 (Dia Mundial da Criança), os rapazes mais novos (os da casa-Mãe), foram com o Padre Carlos a umas actividades promovidas pela Câmara Municipal de Miranda do Corvo, tais como: vários insufláveis, corridas de carros a pedais, futebol, pinturas, etc...

Os nossos Rapazes vieram muito contentes, pois divertiram-se muito.

FESTAS — Desde o dia 30 de Maio até ao dia 03 de Junho decorreu a XVII Expo-Miranda. A nossa Escola do 1.º Ciclo também esteve representada na Exposição das Escolas do Concelho. Os Rapazes com mais de 18 anos puderam ainda ir assistir a alguns concertos, como por exemplo: André Sardet, os 4 Taste entre outros.

No dia 9 de Junho de 2007, a nossa localidade dos Bujos esteve em Festa (Festa de Santo António). Fomos até à Festa com o nosso Chefe Manuel António. Foi uma noite muito divertida.

Gaiatos do Alternativo

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com prazer que voltamos à vossa presença, para dar testemunho do nosso trabalho.

Cada dia que passa, são muitas as carências e dificuldades com que nos deparamos. As famílias pobres que conhecemos, não só as que auxiliamos, mas outras que estão a ser ajudadas por outras Conferências, lutam com dificuldades. Cada vez há mais Pobres, o desemprego aumentou e o mais grave é quando o marido e a mulher ficam desempregados, tudo começa a desmoronar.

Infelizmente, já passámos por estas dificuldades, desemprego, nós o casal e um filho, sabemos o que é perder

Benguela

Continuação da página 1

A razão de ser da nossa vida é o Amor. Feitos para amar e ser amados. Estes filhos clamam por quem olhe por eles com a doação da vida por amor. As rupturas na sua história, desde pequeninos, foram causadas pela falta do afecto familiar. A sua cura passa, necessariamente, pelo ambiente familiar também. Por isso, Pai Américo quis que o padrão familiar fizesse a norma das nossas Casas do Gaiato. Caminhamos, pois, com muita confiança, pela estrada deste ideal. Tudo faremos, também, para que os filhos de «país desconhecidos» sejam cada vez menos. As autoridades têm o seu papel específico. A quando do

registro de crianças seja exigida a presença do pai, se estiver vivo. De contrário, a Lei deve actuar, chamando a contas o responsável. Há momentos, encontrei-me com uma pobre mãe, com seu bebé às costas, à busca de ajuda para a sua doença, mais a do seu filhinho. Ainda não está registado. Conheço-a, mas não sei onde mora o pai da criança. Pedi-lhe para ir buscá-lo, até o encontrar. Depois, vem o registro. Sei que são pequenos gestos, com um único objectivo: amar estes filhos indefesos, na hora oportuna, a fim de prevenir a injustiça dum «pai desconhecido», na cédula ou bilhete de identidade. A mãe lá foi para o posto médico com seu filhinho bem aconchegado. No seu regresso entrará no infantário, onde vai continuar a receber todo o carinho. Para estes filhos, semi-abandonados, fez-se o ninho cheio

de calor humano que vai completar o amor da mãe e ajudá-los a crescer como crianças equilibradas para o mundo de hoje e amanhã.

Quem dera não faltem os meios materiais que também são necessários. Já comecei a ver o fundo dos nossos fundos monetários. Ando à procura de quem me ajude a cobri-los. Abri o vosso coração. Soltai o que não vos faz falta. Dai mais um passo em frente e juntai-vos à viúva do Evangelho que deu mais que todos, porque deu do que lhe fazia falta também. Ficou a mulher mais feliz, porque encontrou a mudança na sua vida. Deste modo, vai-se operando a transformação lenta, segura e eficaz das nossas vidas e dos outros.

Ainda não consegui o tractor para lavar os nossos campos. Tanta falta nos faz!

Padre Manuel António

Uma carta

«CONTINUO recebendo, regularmente, O GAIATO. É um dos poucos contactos que tenho com a vida em Portugal após mais de 30 anos de ausência.

Não é fácil entender muitos dos comentários encontrados em notas, cartas e artigos: é visível que o Portugal de hoje difere muito daquele que persiste na minha memória.

Mas, ao mesmo tempo, O GAIATO me inculca uma sensação de continuidade e permanência de princípios e valores que não é fácil identificar na superfície dos factos e acontecimentos da vida no dia-a-dia. E, neste aspecto, não me refiro só a Portugal...

Tenho lido muito sobre experiências recentes em organizações de assistência a populações desvalorizadas, em vários países do mundo e, em alguns casos, aberto os olhos de espanto com os número movimentados: no último caso de que tomei conhecimento, esta semana, eram exactos 10 biliões de dólares.

Um banco que se afirma preocupado com esse problema mandou-me um relatório que distribuiu a seus clientes sugerindo donativos a uma ONG cuja actividade descreve em detalhe e que considera ter condições excepcionais de êxito: o facto de ser administrada com a eficiência e a transparência de uma corporação modelo de gestão internacional era um dos pontos fortes essa indicação.

Ao mesmo tempo, semanalmente, sou confrontado com a parcimónia de recursos da Obra da Rua e sua aparente «bagunça»: que relatório escreveria um Auditor Oficial de Contabilidade se fosse chamado a pronunciar-se sobre os sistemas administrativos, de gestão, de contabilidade, de controlo de custos, orçamentos anuais e planeamento a longo prazo da Obra da Rua?

A carta que o banco me escreveu teve seus frutos. Estou inteiramente de acordo com o diagnóstico de que o mundo actual precisa de canalizar recursos privados crescentes para ajudar os mais desfavorecidos, uma vez que os recursos públicos continuam dirigidos, prioritariamente, para fins militares, execução de «grandes» projectos de forte visibilidade política, sustentação de pesadas máquinas administrativas de suporte, e afins.

E reflecti. Se tenho obrigação moral de ajudar meus irmãos desfavorecidos também tenho que estar seguro de que aquilo de que me privarei chegará a quem precisa.

Entre a novidade da eficiência na gestão empresarial da ajuda e a via cristã da doação pelo amor e no amor confiante em Deus como Pai, não tenho dúvidas.

Minha mulher e eu decidimos que temos de rever nossos conceitos e tentar ajudar, por pouco que seja, pelos caminhos apropriados.»

Trata-se dum professor Universitário da área da Economia e Finanças em quem a Pobreza Evangélica e os Seus princípios e «métodos» meta-científicos sempre exerceram fascínio. Daí uma fraternidade de espírito que nos liga há dezenas de anos, cuja fidelidade muito nos conforta.

tudo, a nossa casa e o nosso emprego. Sujeitarmo-nos a qualquer trabalho, até voltarmos a ter o nosso emprego estável, foi um período muito difícil, tivemos que fazer muitos sacrifícios, mas, felizmente, com a ajuda da família e amigos, conseguimos ultrapassar esta fase, mas de uma coisa estamos certos, a nossa fé e a nossa esperança de viver, estiveram sempre presentes e hoje podemos erguer as mãos ao Céu e dar Graças a Deus, que hoje somos uma família feliz, com os nossos filhos criados e os netos que enchem a nossa vida de alegria.

Quem nos dera que todos, aqueles que passam por esta situação, pudessem dizer o mesmo, mas infelizmente sabemos que a realidade é outra.

Quanto às famílias que apoiamos mais jovens, as carências monetárias são muitas, mas algumas delas são muito pobres moralmente, são pessoas muito revoltadas com a vida e com a sociedade. Os nossos confrades fazem o melhor que podem e que sabem, mas às vezes sentem-se desmotivados, porque o seu trabalho é infrutífero, as pessoas não lutam por ter uma vida melhor, acomodam-se e o resultado é que os filhos mais tarde sofrem, porque criados neste ambiente, alguns deles seguem o mesmo rumo dos pais.

Vamos todos pedir a Deus e ao nosso querido Pai Américo, que nos ajude a cumprir a nossa caminhada de Vicentinos, para que todos consigamos fazer o bem não olhando a quem.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Queremos agradecer a todos os amigos abaixo mencionados os seus donativos de palavras de carinho:

Assinante 11282, um donativo de 23/03/07 e confirmamos que no Jornal de 17/02/07 fizemos referência ao cheque de 135 euros. Isolina, meses de Fevereiro, Março e Abril. Fernanda, Odívelas. Vale, de Lisboa. Amiga, Fiães. Assinante 33275. Luísa, da Régua. Luísa, de Rio de Mouro. Anónimo. Assinante 37749. Olímpia, do Porto. António Fernandes, de Custóias. A. Pinto, de Lisboa.

Conferência de S. Francisco de Assis. Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal Félix

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

No próximo dia 1 de Julho, vamos de novo reunir-nos na Casa de Miranda do Corvo, para mais um convívio entre antigos gaiatos e suas famílias, com os actuais gaiatos daquela Casa.

Esperamos seja um dia bem passado e que todos se revejam com agrado, sabendo que em relação ao ano anterior, infelizmente, já temos faltas irremediáveis, já conhecidas da maioria.

A concentração, como de costume, far-se-á a partir das 9h00, seguindo-se os habituais trabalhos de «secretaria», Missas às 12h00 e almoço, sendo a parte da tarde destinada somente a lazer, com «bola», piscina, merenda e despedida.

Este ano, por razões várias, resolvemos apresentar-nos com o farnel para todo o dia (almoço e merenda), esperando que seja bem aceite por todos, a exemplo do que costumamos fazer na Senhora da Piedade, pedido para que cada família conte com uma dose para mais um, que será Gaiato ou pessoa da Casa. Sabemos que vai haver um certo esmero por parte das(os) cozinheiras(os), por isso, contamos com boas «ementas». É claro que não poderá faltar o acompanhamento líquido.

Talvez consigamos arranjar prémios para os que apresentem mais apetitosos pratos ou sobremesas, contribuindo assim para dar mais um pouco de entusiasmo e alegria a este nosso Encontro.

Desejamos, como é normal, que tudo corra bem e tenhamos boa presença de participantes, despedindo-nos até ao dia indicado.

Manuel dos Santos Machado

Setúbal

Atitudes de orgulho

UM dos nossos rapazes, já crescidote, arranjou cinco euros. Com eles comprou cigarros e foi, com um companheiro, fumar. Apercebi-me, e fui ao encontro deles.

— Onde arranjaste os cinco euros? — perguntei-lhe, pressentindo de onde lhe viera tal quantia.

— Isso é a mim que diz respeito — respondeu-me.

As atitudes de orgulho são o grande problema do homem. Desde o génesis da história humana que o orgulho fere a vida humana, a limita no tempo e na convivência social, tornou-se o fundamento de divisões, segregação e morte.

Ninguém pode dizer que nunca bebeu desta água. Ele é um empecilho e uma pedra de tropeço à frente dos nossos pés, parecendo que nos lança em frente, mas que acaba por nos atirar ao chão.

O orgulho não escolhe idades nem posição social. Aliás, quanto maior este é, maiores males consegue alcançar.

O contrário é a humildade. As suas obras são grandiosas, trazem benefícios a todos. No entanto, não são vistosas, a sua grandeza nasce aí.

Por isso, a humildade não é apreciada pelo mundo e pelos que dele são. Estes, de algum pequeno benefício que produzam, têm de receber a paga no imediato e de forma desproporcionada.

O salmista cantava que «no orgulho o ímpio oprime o pobre». É objectivamente uma constante na relação social. Mas, também, deixa marcas no sujeito, que fica incapaz de conduzir a sua vida pela verdade.

Está difícil para o nosso rapaz acertar caminho. O orgulho sentou-se à sua porta e ele ainda não deu fé disso. Enquanto não o descobrir, não arripará caminho. Os anos vão passando e as oportunidades também.

Um outro rapaz perguntava-me «porque é que a vida é assim». Em resposta imediata disse-lhe que nós é que a fazemos assim. Sim nós, mas também por influência de quem à nossa porta se senta.

Padre Júlio

Família

continuação da página 1

longas horas, entrecortados por lágrimas e soluços íntimos, eram as dores de paternidade ferida por caminhos mal andados de algum dos filhos...

No nosso propósito de abordar o tema Família não encontramos melhor lugar do que sentar-se à mesa da alegria, da desilusão ou da comunhão no sofrimento, permitindo a respiração do coração num arquejar de compaixão e de acolhimento.

Não há modo melhor de fazer Família. Assim fez Jesus: «sentou-se à mesa...» A Igreja sempre o percebeu desde o Seu nascimento e assim repete perpetuamente. O desafio é recriá-lo na vida dos homens.

É na mesa, na comunhão que a Família é e será sempre, para bem da Humanidade.

Padre João

Moçambique

Continuação da página 1

acto tão solene. Quiseram outra ainda e saiu: «Ser criança...» Tudo canções que sabem da Escolinha. Não estavam a um canto, aliás a sala estava cheia. Todas as pessoas estavam de pé e eles seis sentados na mesa grande, a mando da Autoridade que ali se fez humilde diante deles. O Frank, com 8 anitos, na terceira, leu com muita clareza e compenetração uma mensagem sobre os Direitos da Criança e nas emocionantes palavras que lhe dirigiu, frisou bem a intenção propositada de fazer-lhes aquela festa, com eles no lugar de honra, pois os futuros ocupantes daquele lugar serão, quem sabe, eles mesmos ou outros,

hoje com a mesma idade. Enternecido, lembrava-me de Pai Américo na inauguração da Casa de Paço de Sousa.

Cada um foi recebendo das mãos dos mais responsáveis um embrulho bem confeccionado com várias guloseimas e no final, fomos dado para Casa uma magnífica peça em pau-preto, com mais de metro de altura, simbolizando o trabalho do Povo moçambicano, com uma placa alusiva à inauguração. Antes de partir encheram-nos o carro com mais gulodices que vão dar para o 16 de Junho, dia da Criança Moçambicana.

Regressámos com o coração cheio e agradecido.

Padre José Maria

Património dos Pobres

A incapacidade de conduzir, nestes últimos dois meses, impediu-me de, como tencionava, contactar casas do Património dos Pobres, seus moradores e os respectivos párocos.

Ainda passei por dois pequenos agrupamentos de moradias, mas como não encontrei os responsáveis a quem devo pedir informações e esclarecimentos, achei mais sensato não falar aos Pobres.

Visitei, sim, um pequeno bairro

social que me surpreendeu pelo zelo que as autoridades locais gastam em o conservar limpo, emoldurado de jardins com muitas árvores, relva cuidada e algumas flores; não ficando, no arranjo e limpeza a dever nada ao centro da cidade onde vivem, trabalham e arejam pessoas de outro nível social, cultural e económico.

A pé, sem conhecer a localização do bairro e julgando-me já perto, segui atrás de um grupo de crianças de cor, quatro meninas e

dois rapazes, entre os oito e os dez anos, pensando, cá no meu íntimo, que morariam no local que eu procurava. Acertei. Eram do bairro e regressavam da Catequese.

Pela forma de vestir, pela alegria com que pulavam no caminho e pela simplicidade das suas brincadeiras, encheram-me a alma de encanto e... de dúvida! (Seriam mesmo desse bairro?...)

Não cheguei à fala com o atraente conjunto infantil, pois fui apanhado por um homem, em cadeira de rodas eléctrica, cuja residência no bairro me havia sido anunciada.

Era o senhor João! Figura típica que toda a gente dali conhece e estima. Alto, encorpado, enchia completamente o pequeno e precioso transporte.

O Sol toda a manhã encoberto, de repente, rasgou as nuvens e bateu de chapa na cara negra e larga do meu interlocutor permitindo-me intuir, naquele doce olhar, espelhando bondade, não só o sofrimento triturante, mas, ainda, a sublimidade que ele opera naquele coração.

Com mais de quarenta anos, enviuvava há oito, e fora vítima inocente do atropelamento brutal de um carro sem seguro, que lhe escangalhara a vida e o atirara para aquele estado, há vários anos.

Com os dedos hirtos e rijos das mãos espalmadas, conduzia a

cadeira com admirável perícia, enfiando o manípulo da mesma entre o mínimo e o anelar da mão direita.

O Pároco pagara-lhe uma cara intervenção cirúrgica e ele fazia, agora, fisioterapia cheio de esperança. Já mexia bem o pescoço e os ombros, levantava os braços, ia recuperando a energia das pernas e os dedos das mãos perderiam a rigidez e ganhariam mobilidade e forças!...

Estávamos mesmo frente aos quatro quarteirões onde mora cerca de uma centena de famílias. Era perto do meio-dia. O Sol perdera a vergonha e fustigava, agora, ardentemente, espalhando a intensa luminosidade nas paredes imaculadas dos prédios, dispostos com largos intervalos urbanizados, estacionamento definido e veículos parados.

A ordem, o asseio, o aprumo alvíssimo dos intactos muros, de suporte, e passeios davam-me a impressão de olhar mais um bairro residencial do que um bairro social.

A Junta de Freguesia e a Câmara têm, aqui, papel determinante.

Quis, o senhor João, que eu visse primeiro a casa do seu amigo. Um terceiro andar. Escadas com chão revestido a azulejo cinzento-escuro, paredes a tinta cor-de-rosa, enfeitadas nalguns patamares com vasos de plantas verdes, respirando civismo e bom gosto.

Os andares são todos iguais: Sala, cozinha, três quartos, uma

casa-de-banho com espaço mais do que suficiente para duas e a marquise, para lavar e enxugar a roupa. Na casa encontrei somente o casal que me veio buscar à escada e me franquiou, sorrindo, todos os compartimentos.

A senhora fazia o almoço cujo cheirinho já nos abria o apetite. Os filhos, já crescidos, encontravam-se nas escolas. Além de limpa e arrumada, a casinha era decorada com simplicidade e graça.

Na conversa mantida com o amigável casal, manifestei a minha enorme surpresa pelo que observava.

— Quando aparece qualquer coisa partida ou riscada, eles vêm logo arranjar ou pintar — proclamaram juntos.

Eles, não perguntei quem, mas verifico ser gente que ama e sabe educar. Tem noção do que vale o factor ambiente na promoção civilizacional das comunidades.

Não basta dar casa, é urgente acompanhar, ensiná-los a viver nela.

Entendem que os problemas sociais não se resolvem só com dinheiro e técnica. É indispensável o acompanhamento, a paciência, a perseverança... numa palavra... o Amor!...

Tendo calcorreado tantos bairros sociais nas cidade de Lisboa, Porto e Setúbal, encontrando sempre o desolador e persistente espectáculo de abandono: — vidros e telhados partidos, degraus e muros esburacados, paredes riscadas e sórdidas, montes de lixo, ar pestilento... evidenciando um desprezo cruel e hipócrita pelo baixo nível dos Pobres!... Os quais são obrigados a viver ali!...

A casa do meu paralisado guia é no rés-do-chão. Uma pequena rampa de cimento facilita-lhe a entrada. Abri-lhe a porta e a casa foi toda minha. Estava sofrível e arejada.

Padre Acílio

Malanje

Um tractor

CARLITOS pediu em 2005 um tractor à Cevron — Empresa francesa de petróleo. Ela que sim, tínhamos um tractor. E tivemos. Foi uma grande ajuda! No início de 2007, Carlitos bate de novo à porta para outro tractor, pois o nosso campo agrícola cresceu.

— Os senhores comem os tractores? Nós vamos ver o que fazem.

E vieram, precisamente, no dia em que o nosso tractorista sacava milho. Ficaram encantados com os campos de milho, com a nossa Aldeia e Rapazes.

— Está bem, terão outro tractor.

Escola agrária

UM grupo de Rapazes foi convidado pelo senhor Governador a frequentarem a Escola Agrária do Quéssua. Uma grande Escola com todas as condições que sofreu, durante a guerra, todos os balanços e destruições. Foi, agora, reabilitada e começará a funcionar em Junho.

Foi hoje o dia todo com os 20 que irão, para tratar da matrícula, documentos precisos e fotos. Começa na sétima-classe — ensino médio e cursos práticos e, na décima, preparação para a Universidade que começará daqui a 3 anos.

Menos 20 com 10 que se empregaram dá 30. Mais fácil conhecer e orientar os que ficam.

Dificuldades nascem no Lar. Alguns não conseguiram entrar nas Universidades do Estado. Nas particulares: as dores de cabeça para pagar as propinas — os dólares... Todos querem os ditos. Estes atrapalham os Pobres...

Barreira que os impede de prosseguir. Outros caminhos, nem sempre fáceis onde igualmente surgem barreiras.

Os «outros» precisam de ti

O outro? Sem ele seremos homens nus à beira dum lago — sem água, sem margens e com pedras roliças lá no fundo.

Como caminhar? Como encontrá-lo? Nos grandes espaços do consumismo? Na televisão dourada? Nas grandes assistências dos campos de futebol? Nas desertas e grandes catedrais?

Nada, não!

O outro tem que nascer no teu coração. Nascer pelo amor. O outro é o teu Senhor que está e sente cada irmão — em todos os homens.

Ir ao encontro. Cada um é Ele.

Não precisas de tomar um avião e ir a longes terras... Ele está na tua família, na tua rua, na tua cidade. Mas se souberes que lá muito longe há irmãos com fome, não hesites, vai. Aqueles «outros» precisam de ti.

Em cada um, encontrarás o Senhor!

Bati a mais uma porta

NAS minhas passadas diárias bati a mais uma porta e pedi emprego para mais um rapaz...

— O que sabe fazer?

— É um pedregulho — ele sorriu.

— É com pedras que eu vou pagar aos operários?

— Pois, não.

— Mande lá o pedregulho, vamos ver se fazemos dele uma pedra de afiar.

Uma pedra de afiar é útil e importante — pensei — é ponto de encontro.

Lembrei o nosso cruzeiro: Quando o levamos para a Carianga, os homens da aldeia aguçavam as suas catanas na rocha da base quando iam para as lavras.

Agradei, sorrindo. Ele sorriu também.

Mais um que vai para a vida — entre dois sorrisos.

Eu sei que os Amigos que estão lendo estão sorrindo... Sorrir é bom.

Padre Telmo

PENSAMENTO

Oh Mestres, rasgai os tratados que as Parábolas, falando de ovelhas, ensinam muito mais.

PAI AMÉRICO

10 de Junho

Continuação da página 1

var qualquer orçamento. Este facto é revelador da inexistência de uma política de Cooperação aberta primariamente à área da Saúde, como também à da Educação.

Quantas vezes os nossos Padres, em África, se têm feito eco desta falta; dos prejuízos que provoca, como de frutos de convivência eficaz que não se

colhem! Ora nós temos um Ministério que se chama dos Negócios Estrangeiros e Cooperação!...

O Ministro respectivo esteve, há pouco, em Maputo, e até agraciou a Obra na pessoa do Padre José Maria. Não que não seja justo, porquanto a Obra da Rua é uma acção concreta de cooperação portuguesa que não custa um centimo ao Estado e age como uma antena que capta



confiança e gere em simplicidade as ondas que dela vêm, em benefício directo e imediato das pobres populações que serve. As duas Casas do Gaiato em Angola e a de Moçambique têm vivido em grande parte dos auxílios que o Povo português nos faz chegar. Não sabemos, nem nos interessa medi-los; mas, a fazê-lo, estaríamos perante grandes números. E as acções em redor das Casas do Gaiato que, em Moçambique, atingiram uma dimensão notável, são resultado dessa confiança captada, nomeadamente, aqui, da cooperação de várias Entidades espanholas e do próprio Estado. Regozijamo-nos por ela; e bem desejaríamos mais viva a presença da Cooperação Portuguesa..., além da que citei, vinda voluntariamente do nosso Povo anónimo.

Pena que, nesta hora, sentimos mais intensa pela dor do nosso Orlando, humilde cidadão angolano jogado entre Serviços, sem o bafo familiar a que tem jus como membro desta grande Família que trata o Padre Américo, por Pai.

Padre Carlos